

LUÍS ANTÓNIO VERNEY E A CULTURA LUSO-BRASILEIRA DO SEU TEMPO

Coordenação de:

**António Braz Teixeira
Octávio dos Santos
Renato Epifânio**

Edição conjunta de:

MIL: MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO
www.movimentolusofono.org
Palácio da Independência, Largo de São Domingos, n.º 11
1150-320 LISBOA

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Imagem da capa: Francisco Fernández

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-8661-59-3

Depósito Legal: 413764/16

Primeira edição: Outubro de 2016

Verney e a leitura de modernidade no século XVIII e no século XXI

Verney constitui um signo mágico para abrir os horizontes do debate científico e cultural em torno de Modernidade. Na Universidade de Évora a Escola de Ciências e Tecnologia ocupa um antigo espaço castrense que foi denominado, em sessão de Senado Universitário do início do século XXI, Colégio Luís António Verney. Deixar, para tempos vindouros, sinais claros que a Física, a Química, a Biologia iam ficar alocadas em espaço de uma memória identificador da modernidade do século XVIII europeu.

No magistério científico de História cultural e política do Professor Silva Dias também fui habituada a lidar com o caldo cultural da modernidade – na velha tensão antigos/ modernos – pontuada pelo vértice de uma desdivinização da Natureza proposta nas *Cartas X e XII do Verdadeiro Método de Estudar*, nas quais se trata dos temas da Física e da Medicina, esta como uma consequência da aplicação à natureza (humana) da Física newtoniana. Verney como símbolo da interpretação de uma nova Natureza, medida instrumentalmente, experimentada sob o ponto de vista científico.

Como sinal da modernidade de uma heterodoxia cultural lusitana registemos, também, a existência das primeiras observações meteorológicas instrumentais da Península Ibérica, feitas em Lisboa, em 1724¹, por médico de origem judaica e enviadas para Londres, publicadas livremente nas *Philosophical Transactions* da Royal Society. Ou, já em tempo vivencial de Luís António Verney, as Observações meteorológicas de Lamego, de 1770 a 1784 - realizadas pelo médico João de Sousa Freire de Araújo e que permanecem manuscritas na Academia das Ciências de Lisboa. Após a boa recepção desta memória, após a sua fundação, a própria Academia atribuiu aos seus sócios o papel de realizar, e fazer publicar na *História e Memórias da Academia*, as primeiras observações meteorológicas institucionais de Portugal (Nunes, 2003).

Temos, pois, um conjunto de factores que nos obrigam a pensar no impacto que Verney teve – directa e indirectamente – no conhecimento e domínio da

¹ Em contexto peninsular as primeiras observações meteorológicas realizadas e publicadas forma feitas na cidade de Lisboa em 1724, e publicitadas na publicação oficial da Royal Society, *The Philosophical Transactions*. Médico de Lisboa que faz chegar a um sócio correspondente de Londres as observações instrumentais realizadas em Lisboa (F. Dominguez Castro, 2012).

Natureza, na modelação cultural e mental da sociedade no contexto do século XVIII.

Mas, diríamos de forma ousada, também nos contextos que formataram os tempos vindouros de apropriação e de leitura historiográfica e filosófica em torno da obra de Luís António Verney, fundamentalmente no que tange o *Verdadeiro Método de Estudar*.

Propomos neste ensaio realizar um itinerário de leituras resultantes da desconstrução das Cartas X e XII do *Verdadeiro Método de Estudar*.

Viagem do século XVIII ao século XX

Juntar, num mesmo texto, as figuras de Luís António Verney (século XVIII) e de Luís Cabral Moncada (século XX), sob o mote de uma potencial busca de modernidade para Portugal (em dimensão de uma *longa duração*...braudeliana), parece, à primeira vista, paradoxal e talvez mesmo imbuído de um certo tom de provocação! No entanto, ao aceitarmos, hoje, escrever algumas notas de reflexão a pretexto da figura do Barbadinho Verney, figura de incontestável destaque do plano da cultura europeia de setecentos, tivemos como ponto de partida a problemática da cultura científica no século XX, meandros que nos têm mantido academicamente entusiasmada²! E o pretexto Verney serve, igualmente, para (re)visitar (sempre que possível) o século XVIII e recuperar algumas das matizes da produção de imagens de cultura científica (CARVALHO, 1996a, 1996b, 1997; CUNHA, 2000a; DIOGO, 2000; SIMÕES, 1999).

É longo o debate sobre o papel dos *estrangeirados* (MARTINS, 1975, 1978; MACEDO, s/d) e o papel dos intelectuais (MOTA, 2003; DIAS, 2003; RIBEIRO, 2003; RIBEIRO, 2002; SANTOS, 1985; SERRANO, 2000; SIRINELLI, 1986; WINOCK, 1997; LEYMARIE, 2003) no século XVIII como interlocutores de uma nova *forma mentis* para o Portugal setecentista. E tratava-se de uma nação animada pela (ainda) matriz da cultura do Barroco (MARAVALL, 1991), ou renunciava-se, no romper de um espaço público (NUNES, 2002c), a alvorada do Iluminismo?

Pensar na importância de Verney para a cultura científica em Portugal remete-nos, inevitavelmente, para o magistério da *Escola Silva Dias*, alicerçado a partir da Universidade de Coimbra e daí reinventado em várias universidades portuguesas ao longo do final do século XX. É impossível não referenciar *Portugal e a Cultura Europeia (sécs. XVI a XVIII)*³ Como ponto de partida para um itinerário de

² Cfr. algumas das nossas referências bibliográficas no final deste texto; ele é, também, um produto indirecto do Projecto POCTI(3545/2000/FCT-MUCT – *Historical Studies on Scientific Images in Portugal, XVII-XXth centuries*.

³ José Sebastião da Silva Dias, *Portugal e a Cultura Europeia (sécs. XVI a XVIII)*, que normalmente circula com o formato de separata da revista «Biblos», editada em Coimbra, em 1952. Um texto ma-

referências de cultura científica, na obra do Barbadinho. Coloquemos o problema, para iniciar, tal qual Silva Dias o fez em meados do século XX:

“Quando Verney surgiu na ribalta da cultura lusitana, havia muito já que os portugueses viajavam pelas Cortes da Europa e liam as obras dos seus filhos mais ilustres. O contacto com o pensamento europeu estava feito. Não sendo extenso quanto às pessoas, nem vivo quanto à problemática geral, abrangia contudo um círculo numeroso de inteligências de escol, para constituir uma corrente de opinião e permitir mensagens culturais mais vastas [...] A significação do *Verdadeiro Método* seria relativamente modesta, se, ao apontar no horizonte nacional, tivesse deparado com um país já esclarecido ou se não trouxesse consigo a mensagem da nova filosofia europeia” (DIAS, 1952, 386-387).

É neste enquadramento de perspectivizar Verney como o “mensageiro de uma nova filosofia europeia”, ou o actor de “novas práticas culturais para Portugal” (de acordo com modelos historiográficos de épocas diferenciadas) que gostaríamos de apresentar outros itinerários bibliográficos, num discurso analítico que contrasta com este entusiasmo de abertura, de rompimento com o passado, de inovação iluminista trazida de fora, de uma Europa distante...

Nesta perspectiva, temos que começar por referenciar a obra de Banha de Andrade (ANDRADE, 1982) centrada na mentalidade pedagógica do século XVIII, ou seja, a vertente de pensar filosoficamente e pedagogicamente as Luzes em Portugal, na óptica de caracterizar uma história da cultura portuguesa por oposição a uma história da cultura em Portugal. Afinal, não se trata de meras trocas de signos linguísticos, mas antes de *forma mentis* diferenciadas de ver/olhar os meandros culturais portugueses, em Portugal.

António Alberto de Banha de Andrade, em estudo de 1957, centrado nas cartas de Martinho de Mendonça é da educação de um nobre, aproveita o ensejo para efectuar um balanço interpretativo do século XVIII português. No seu texto, impresso para a revista *Filosofia*, é o leitor informado do seguinte:

“O século XVIII, entre nós, antes e depois de Verney, antes e depois de Pombal, desde o 1º Ano até ao extremo, foi um período de agitação mental e espiritual, de polémicas consecutivas, de infiltrações do pensamento estrangeiro mais avançado, mas também de futilidade, de poesia artificial e entretenimentos pueris.

No meio do século houve quem exclamasse, com inteira razão: «Tudo no mundo são disputas, ainda de cousas que têm pouca dificuldade para se vir ao conhecimento do que são e do que procedem». Houve desorientação confessada, porque a *luta do antigo e do moderno atingiu proporções gigantescas*, apesar de o movimento revolucionário, nem sempre bem dirigido, ter deixado ficar muita poalha que o século passado e o presente foram limpando.

Mas se não é o século dos rasgos geniais, como pretendem fazer crer os apologistas dos dois corifeus mais barulhentos atrás citados, também se não cuida que fica bem caracterizado apenas com o livro do Dr. Júlio Dantas – O amor em Portugal no século XVIII” (ANDRADE, 1957,3)⁴.

tricial para o entendimento da modernidade em Portugal desde os Descobrimientos até à renovação mental e de «salto epistemológico» do século XVIII. Trata-se de um texto produzido fora de um enquadramento universitário, mas antes fruto dos debates e das leituras de intelectuais do século XX, como Silva Dias.

⁴ Sublinhados nossos, pensamos que reflectem de forma clara os dois mundos que se confrontavam intelectualmente, no século XVIII, mas também os diferentes pontos de vista que o século XX comportava.

Nesta breve nota percebe-se claramente que nem Pombal nem Verney eram personalidades de cunho formativo e marcante para o século das Luzes em Portugal, sem nunca apelidar um ou outro de estrangeirados!

Mas, os estudos em Portugal centrados no século XVIII, sob o ponto de vista da cultura científica e de novas práticas culturais, são recentes, pertencendo a uma renovação historiográfica que a década de setenta do século XX proporcionou, com especial destaque para o núcleo de História e Teoria das Ideias da Universidade de Coimbra, fundado por Silva Dias. E nesta Escola fomos entendendo novos problemas, novos temas, novos objectos. Neste artigo temos presente o objecto *VIII Congresso do Mundo Português*, centrado na actividade científica em Portugal, realizado em Coimbra, em 1940 (NUNES, 2001b, 2002a, 2004).

As notas que aqui deixamos funcionam como um mecanismo interlocutor para vislumbrar sinais de grande inovação, no seio da comunidade científica portuguesa que se aproximava de historiadores e de pensadores da cultura europeia. O breve circuito que realizamos serviu-nos de ponto de referência de uma dicotomia que achamos estar presente no espírito da comunidade científica em Portugal, nesse ano especial de comemorar a memória do passado nacional.

Se começámos com a imagem de 1952, pelas palavras de Silva Dias, logo pasámos para o outro lado da vertente de Verney, o de um «potencial e perigoso corifeu de ideias vindas de fora».

O nosso olhar de espanto, enquanto historiadora, fica no contraste que encontramos, exactamente, em 1940, pela mão de Luís Montalvão Machado, homem do Direito e da Filosofia do Direito em Portugal, cujo magistério fez rebentar novas ideias em Coimbra, a partir da sua Universidade e da sua sociabilidade académica, informal e urbana de tertúlias e serões (MONCADA, 1992).

1940 – Congressos do Mundo Português

Sob proposta da Universidade de Coimbra, a Comissão Executiva dos Centenários aceitou enquadrar o VIII Congresso, com o envolvimento directo de Joaquim de Carvalho, presidente do Congresso, de Maximiano Correia, vice-reitor da Universidade de Coimbra, e de Aureliano de Mira Fernandes, da Universidade Técnica de Lisboa. “Como actos satélites, convém mencionar uma Exposição bibliográfica na Biblioteca Central da Universidade de Coimbra e uma Exposição de material científico e de fonética experimental no Museu Pombalino do Laboratório de Física”, lê-se na informação oficial (C.M.P., 1940, vol. XIX, p. 32).

Os dois volumes do VIII Congresso evidenciam, claramente, uma elevada participação dos membros da comunidade científica portuguesa que deram um forte contributo para o “incremento” da história da ciência, tal como refere Mira Fernandes no “Discurso inaugural” (C.M.P., 1940, vol. XIX). Este contributo saldou-

se por uma abordagem centrada em duas épocas da história de Portugal: o período dos Descobrimentos, ligado ao desenvolvimento dos temas naturalistas e de farmacopeia, e o período iniciado pela reforma pombalina de 1772 projectando-se nos séculos XIX e XX, contemplando incursões analíticas por áreas temáticas, por instituições e por personalidades.

Os apelos nacionais, de pompa e circunstância dos arquitectos do Congresso do Mundo Português⁵, formatados para o campo da história da actividade científica por Joaquim de Carvalho, tiveram um terreno fértil para se reproduzirem, dado que os agentes culturais e científicos empenhados na sua profissão optaram por dar o seu contributo, deixando claro que pensavam também sobre a dimensão diacrónica dos saberes que reproduziam no ensino ou que usavam nos observatórios ou nos laboratórios científicos das suas Faculdades. É natural, pois, que os seus contributos tivessem herdado alguma gramática de fazer história da ciência em Portugal. Nessa gramática inserimos Luís Cabral Moncada, como membro da unidade científica portuguesa que sob coordenação de Joaquim de Carvalho fez a sua intervenção sobre um *Iluminista português do século – Luís António Verney* (MONCADA, 1940).

A vertente da comunicação de Cabral Moncada, no seguimento de outros contributos de âmbito cultural/humanístico⁶, centra-se no triplo encontro de vertente biográfica, científica e cultural. E é exactamente o aspecto científico que nos parece muito relevante para o (re)descobrir deste texto de 1940, dado que segundo o comunicante “tratar de Verney é tratar do espírito do século XVIII português; como tratar deste é o mesmo que tratar das grandes correntes da cultura europeia desse século nas suas origens espirituais, modalidades e diversas ramificações que conheceu” (MONCADA, 1940, 459).

Colocado o problema, importava ilustrar a assembleia de Coimbra, em 1940 (CHANET, 2000).

“Há muito que se suspeitava que o actor do ‘Verdadeiro Método de Estudar’ tinha sido em Portugal o representante, senão o introdutor, dum sistema ou mundo de ideais que na sua origem e estrutura ideológica tinham pouco de nacional” (MONCADA, 1940, 460).

Lendo, e relendo, algumas das passagens vamo-nos, paulatinamente, aproximando dos pontos de vista de *Portugal e a Cultura Europeia*, de Silva Dias, e afastando da perspectiva de Banha de Andrade. O que nos causa alguma perplexidade, mas não um total espanto⁷. Assim, à nossa leitura não se torna estranho

⁵ Júlio Dantas, presidente geral do Congresso do Mundo Português; Joaquim Leitão, director adjunto da secção de Congressos; Manuel Múrias, secretário-geral; Luís Vieira de Castro, vice-secretário geral dos Congressos.

⁶ Destaquemos os nomes de Paulo Merea, Hernâni Cidade, Álvaro Júlio da Costa Pimpão e Vieira de Almeida.

⁷ Na memória guardo inúmeros relatos do Professor Silva Dias às aulas e às conversas amistosas e científicas-filosóficas com Cabral Moncada. Os seus livros faziam parte da bibliografia de consulta obrigatória na parte escolar do primeiro Mestrado de História Cultural e Política, 1981-1983.

que Cabral Moncada introduza o tema recorrente de Verney e do *Verdadeiro Método de Estudar* – ou seja, Pombal e o espírito anti-jesuítico, a par da legitimidade moral e nacional que o Barbadinho conferiu para a reforma da Universidade de Coimbra, em 1772. Mas Moncada está plenamente consciente de que esta visão de binómio Verney/Pombal não é um tema que seja, na época, muito apreciado pela vertente ideológica das festas de comemorações da Nação, nem pelos cultores da ciência histórica⁸. Sob este ponto de vista é manifesta a sua clarividência:

“Sabe-se da polémica levantada em torno dele, da sua oposição à Filosofia escolástica e aos jesuítas, das suas ligações com a Itália e o estrangeiro, da sua colaboração moral nas reformas pedagógicas do Marquês. E, contudo, por escassez de informação, continuava a faltar uma visão filosófica de unidade à nossa apreciação acerca da personalidade de Verney, da sua mentalidade e da sua época. O nosso juízo acerca dele continuava a ser fragmentário, pouco orgânico, e, por falta de perspectiva histórico-cultural, essencialmente anti-histórico e dogmático. Discutia-se – e em parte continua ainda a discutir-se – com ele, como se ele fosse um nosso contemporâneo, com o qual tivéssemos toda a espécie de questões pessoais ou divergências de opinião provocadas pelos nossos preconceitos ou convicções científicas. Ainda hoje há muito bons espíritos que teimam em apreciar assim Verney bem como outras personalidades da sua época” (MONCADA, 1940, 460).

Uma entrada reveladora do plano de apresentação sobre o modo como Verney ia ser perspectivado; mas também de um olhar crítico sobre a imagem que os intelectuais e cientistas/filósofos/historiadores do século XX português continuavam a ter. Registe-se, neste contexto, as referências abonatórias ao elemento cognitivo vindo do estrangeiro, sobretudo a exaltação das ideias vindas de Itália, ou seja, do modelo de um Iluminismo italiano.

Documentação composta por *Cartas* que revelam uma vertente de cientista na figura de Verney, um cientismo encaixado no Catolicismo iluminado oriundo de Itália – sobretudo centrado em Genovese e em Filangieri, para a abertura de um mundo desdivinizado e natural (CUNHA, 1991).

Moncada estava, pois, em 1940 na posse de oito cartas que cobriam o período de 1765-1768, escritas por Verney, a partir de Itália para Francisco de Almada Mendonça, primo do Marquês de Pombal, que se encontrava em Lisboa, após o corte de relações diplomáticas com a Santa Sé.

As missivas alvitram uma reforma para a vida pública. O que Verney afirma ao seu interlocutor deve ser também (sobretudo?) entendido para a figura do Marquês de Pombal e para a sua prática de exercício de poder das Luzes, de reformas iluminadas, impostas, mas racionais e racionalistas, capazes de racionalizarem o Reino a partir, por exemplo, da introdução em Portugal do cavalheiro Newton, já anteriormente apresentado por Jacob de Castro Sarmiento, na primeira metade do século XVIII (CUNHA, 2000a; CALAFATE, 1994; NUNES, 2002c). Trata-se de cartas tipificadas em relatórios de informações e de ideais: “Com uma linguagem moderna poderiam designar-se estes relatórios pelas expressões de progra-

⁸ “Compreender – sabe-se – é também para a ciência histórica o mesmo que relacionar, referir, situar, ver umas coisas em função de outras... (MONCADA, 1940, 459).

mas ou ideários. Por eles se faz ideia de todo o vasto mundo de opiniões, crenças e convicções sociais de Verney, como filósofo, como sociólogo, como político e como economista” (MONCADA, 1940, 462). Opiniões que Moncada encontra plasmadas na legislação e nos relatórios encomendados por Pombal para a sua grande Reforma de 1772 – a mesma linha de ideias, o mesmo universo de ideários, uma linha condutora de programa de acção (DIAS, 1982, 1983-1984; CALAFATE, 1994; NUNES, 2002c).

E na comunicação de 1940 são muito perceptíveis os eixos fortes deste programa, assente numa elite intelectual da Europa moderna, com crenças racionais, dado que “...o mito racionalista do século, alimentado por todos os grandes representantes da Filosofia Moderna, pelos deístas ingleses, pelos Filósofos e Enciclopedistas franceses, enfim pelos Reformadores e Iluministas de todas as nações no tempo da *Aufklärung*” (MONCADA, 1940, 463).

O centro nevrálgico, para se perceber o deslumbre que Verney suscitava em Moncada, assentava na crença de um progresso racional, que espalhasse a ciência e a ilustração. Ilustração que comportava a componente pedagógica, inovadora da Ciência, tudo para contribuir para a suprema felicidade do homem! Ainda e sempre centrado na análise das cartas-relatórios – que não nos revela nem cotas, nem localização específica, nem suporte de escrita por anexo – Moncada vai construindo um perfil de Verney: activo e de forte intervenção na formatação de uma nova sociedade. Deixemos o registo das palavras de Luís Cabral Moncada a propósito desta crença de mito racionalista.

“Essa crença não era contemplativa, mas activa. Para chamar sobre a terra o reino das luzes e da verdadeira felicidade humana, não bastava crer; era preciso querer, actuar, actuando, combatendo, reformando tudo aquilo que se opunha à ilustração dos homens, como era a crassa ignorância das classes inferiores, os preconceitos históricos, as tradições fossilizadas, enfim certas formas pouco elevadas do sentimento religioso, e acima de tudo, certo tipo de despotismo político não esclarecido” (MONCADA, 1940, 464).

Assim, Verney apresentava-se como o soldado de uma boa causa – a causa de reformar, de acabar com a ignorância, de fazer aumentar as Luzes, de impor um novo método de pensar, de estudar, de ensinar... de abrir a perspectiva a um novo paradigma – a filosofia moderna de Descartes e Newton:

“Era esse um novo domínio recentemente conquistado pela razão aos preconceitos históricos e à metafísica e assim não havia para a época, pode dizer-se, problema social algum digno deste nome que não envolvesse um aspecto económico, nem homem de ciência algum, ou filósofo anti-metafísico, também dignos deste nome, que não tivessem do modo o seu quê de economistas. Não eram, com efeito, filósofos como Genovese e belos espíritos como Galiani e economistas, e não tinham sido fisiocratas da escola de Quesnay mais ou menos filosóficos? Verney pertence ao mesmo tipo destes sábios e, embora esteja longe de ser aquilo que hoje se chamaria um economista, contudo não há para ele problema social algum que o não interesse também neste aspecto ou ponto de vista” (MONCADA, 1940, 468).

Muito peculiar, e inovador para a época, a introdução do tópico da Fisiocracia e da economia/moral/filosofia (VAZ, 2002; NUNES, 2001a; CARDOSO, 1989; GUSDORF, 1972; BAUMER, 1990), outra perspectiva de pensar a contribuição

científica de Verney, desta vez nas escalas da dimensão técnico-científica da natureza e da necessidade de uma nova aprendizagem das suas leis, do seu funcionamento e dos seus encantos e, sobretudo, das suas potencialidades (NUNES, 2001a; GUSDORF, 1972).

E Cabral Moncada conclui o seu estudo, centrado nas Cartas de Verney, sob o desígnio de as Academias deverem produzir “investigação científica”, como as de Frederico da Prússia, de forma que se tornasse “claro e visível que os reis existem para os povos e não os povos para os reis!”

Paradigma que estabelece uma relação de contrato em natureza, peça vital para se alicerçar a nova sociedade que tem como gramática de referências para Verney (século XVIII) e para Cabral Moncada (século XX) uma geografia de absolutismos científicos assente nos Estados da Prússia, de Nápoles, da Áustria... afinal realidades políticas e diplomáticas que eram muito familiares a Sebastião José de Carvalho e Melo!

O que nos parece importante é aqui deixar claro que o contributo lançado em 1940 por Luís Cabral Moncada não constituiu um mero acaso ou um epifenómeno conjuntural.

A segunda parte desta comunicação aparece a público logo em 1941 numa editora de Coimbra, inserido numa colecção de «temas filosóficos e jurídicos». O plano apresentado é amplo e alarga o âmbito da comunicação do Congresso do Mundo Português (MONCADA, 1941): a vertente útil e pragmática de Verney, a que se afere da leitura das Cartas sobre Física e Medicina!

I – A consciência cultural de Verney

II – As ideias políticas de Verney

III – Verney e a questão religiosa

IV – As ideias económicas e sociais de Verney.

Ou seja, um estudo de fôlego abrangente em que se aborda a projecção da obra do Barbadinho em diferentes vertentes da cultura em Portugal. Estamos em crer que esta incursão pela figura de Verney esteve na base de um conjunto de acções que Cabral Moncada realizou, ainda na década de quarenta do século XX, em Itália, após o final da II Guerra Mundial (MONCADA, 1949), acções que estavam a ser concertadas com as actividades do Instituto de Alta Cultura. Inegável é o facto de o Iluminismo e as reformas setecentista terem um peso marcante, inovador no plano da história da Filosofia do Direito em Portugal, permitindo uma nova imagem de cultura científica (MONCADA, 1950).

Quando iniciamos uma busca pelo actual estado da arte sobre Luís António Verney, centrando-nos nas publicações dos últimos vinte anos, verificamos que a obra de Luís Cabral Moncada se mantém como uma refrescante referência, como um toque de abertura para outros temas, nomeadamente a Medicina no *Verdadeiro Método de Estudar* (CUNHA, 200b, 2000a; GOMES, 1995; VERNEY E

ILUMINISMO, 1995). Trata-se de valorizar um capital simbólico que, no século XX, despertou a memória e o interesse de intelectuais e membros da comunidade científica (CRUZEIRO, 1988).

E neste percurso de ir em busca de ímagens inovadoras gostaríamos de terminar com o contributo do Professor Norberto Cunha, no domínio da Medicina e da projecção do *Verdadeiro Método de Estudar*, já que a ousadia de ver outras antropologias na obra de Verney nos remete para um imaginário de inovação que Cabral Moncada pretendeu incutir à sua comunicação de 1940.

De acordo com Norberto Cunha, “segundo Verney, a melhor maneira de conhecer a ‘máquina’ humana é recorrendo à anatomia, por ela considerada a pedra de toque da física do corpo humano, porque é ela que nos permite saber de que partes se compõe essa máquina e que formas tem” (CUNHA, 1995, 92).

E foi neste mecanismo de “conhecer pela racionalidade” que nos voltámos a rever na comunicação de Luís Cabral Moncada, percebendo a longa genealogia de ideias que une Coimbra de 1940 à Universidade do Minho e o seu Centro de Estudos Humanísticos, quando este organizou, em 1992, o Colóquio «Verney e a Cultura do seu tempo».

Nesse final de século XX, Norberto Cunha concluía o seu estudo, afirmando:

“Luís António Verney, imbuído duma cega militância racionalista decorrente da sua convicção de que a razão era não só a fonte da verdade mas do bem, procurou não só aplicar a matriz newtoniana de inteligibilidade natural às mais recônditas partes do corpo humano mas, simultaneamente, libertá-lo dessas forças obscuras e das terapêuticas mezinheiras que o acorrentava” (CUNHA, 1995, 100f).

Afinal, um longo percurso que Verney teve, com vários impactos, com várias projecções na *Cultura Portuguesa* ou na *Cultura em Portugal*, demonstrando que o século XVIII ainda continua como um admirável reservatório de ideias e de ideários que vão sendo explorados à medida que as ideias avançam e a necessidade de estudar a condição humana vai sendo cada vez mais premente.

Encontramos, pois, a propósito de Verney encontros e desencontros, Escolas de pensamento em Portugal diferenciadas e antagónicas. Mas, será sempre ao original que voltaremos, sempre ao texto do *Verdadeiro Método de Estudar*, pensando que ele foi a abertura do limiar da modernidade dos nossos tempos de uma globalização cultural (CHAUNU, 1985).

Bibliografia

ANDRADE, António Alberto Banha de (1946), *Verney e a Filosofia Portuguesa. No 2º centenário do aparecimento do Verdadeiro Método de Estudar*, Braga, Livraria Cruz.

ANDRADE, António Alberto Banha de (1950), *Manuel de Azevedo Fortes, primeiro sequaz, por escrito, das teses fundamentais cartesianas em Portugal*, XIII Congresso luso-espanhol para o Progresso das Ciências, sep. tomo VII – 6ª secção ciências filosóficas e teológicas, Lisboa.

- ANDRADE, António Alberto Banha de (1957), *Filósofos Portugueses do século XVIII – I Martinho de Mendonça de Pina e Proença Homem*, Lisboa, Edições da Revista «Filosofia».
- ANDRADE, António Alberto Banha de (1980), *Verney e a projecção da sua obra*, Lisboa, Ed. Instituto de Cultura Portuguesa – Biblioteca Breve.
- ANDRADE, António Alberto Banha de (1982), *Contributos Para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa*, Lisboa, Ed. IN/CM.
- ANDRADE, Luís Oliveira (2001), *História e Memória. A Restauração de 1640: do liberalismo às comemorações centenárias de 1940*, Coimbra, Ed. Minerva.
- BAUMER, Franklin L. (1990), *O Pensamento Europeu Moderno*, 2 volumes, Lisboa, Ed. 70.
- BRAGA, Teófilo (1884), *Os centenários como synthese affectiva nas sociedades modernas*, Porto, Biblioteca Moderna Luso-Brasileira, Typ. A. J. Da Silva Teixeira.
- CALAFATE, Pedro (1994), *A Ideia de Natureza no século XVIII em Portugal (1740-1800)*, Lisboa, IN/CM.
- CARDOSO, José Luís (1989), *O pensamento económico em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Ed. Estampa.
- CARVALHO, Rómulo de (1996a), *As actividades científicas em Portugal no século XVIII*, Évora, Universidade de Évora.
- CARVALHO, Rómulo de (1996b), *História do Ensino em Portugal desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano* (2.ª edição), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- CARVALHO, Rómulo de (1997), *Colectânea de Estudos Históricos – 1953-1994. Cultura e actividades científicas em Portugal*, Évora, Universidade de Évora.
- CATROGA, Fernando (1998), *Cientismo e historicismo*, “Seminário sobre o Positivismo”, Évora, Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, pp. 11-57.
- CATROGA, Fernando (1998), *Cientismo e historicismo*, “Seminário sobre o Positivismo”, Évora, Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, pp. 11-57.
- CHANET, Jean-François (2000), *La Fabrique des Heros. Pédagogie Républicaine et culte des grands hommes, de Sedan à Vichy*, “Vingtième Siècle. Revue d'histoire”, n.º 65, janv.-mars, pp.13-33.
- CHAUNU, Pierre (1985), *A civilização da Europa das Luzes*, 2 volumes, Lisboa, Ed. Presença
- COMMEMORATIVE PRACTICES IN SCIENCE (1999). *Historical Perspectives on the Politics of Collective Memory*, Osiris, Edited by Pnina G. Abir-Am and Clark A. Elliot, vol. 14.
- CONGRESSO DO MUNDO PORTUGUÊS (1940). *PROGRAMA DISCURSOS E MENSAGENS, VOL. XIX*, Lisboa, Ed. Comissão Executiva dos Centenários.
- CONGRESSO DO MUNDO PORTUGUÊS (1940). *Discursos e Comunicações Apresentadas ao Congresso da História da Actividade Científica Portuguesa*, VIII Congresso do Mundo Português, vol. XIII, tomo 1-2, Edição da Comissão Executiva Dos Centenários
- CRUZEIRO, Eduarda (1988), *Capital simbólico e memória institucional – a propósito da Universidade no século XIX*, *Análise Social*, n.º 101-102, pp. 593-607.
- CUNHA, Norberto Ferreira da (1991), *A desdivinização do mundo histórico no século XVIII. A Academia Portuguesa de História (1720-1737)*, “Diacrítica”, 6, pp. 249-290.
- CUNHA, Norberto Ferreira da (1995), “Física do corpo humano em Luís António Verney”, *Verney e o Iluminismo em Portugal. Actas do Colóquio «Verney e a Cultura do seu tempo» realizado na Universidade do Minho em 2 e 3 de Abril de 1992*, Braga, Ed. Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho; pp. 71-112.
- CUNHA, Norberto Ferreira da (2000a), *Elites e Académicos na Cultura Portuguesa Setecentista*, Lisboa, Ed. IN/CM.
- CUNHA, Norberto Ferreira da (2000b), “A Física do Corpo Humano em Luís António Verney”, *Elites e Académicos na Cultura Portuguesa Setecentista*, Lisboa, Ed. IN/CM; pp. 219-246.
- DIAS, José Sebastião da Silva (1952), *Portugal e a Cultura Europeia (séculos XVI a XVIII)*, Sep. «Biblos», Coimbra.
- DIAS, José Sebastião da Silva (1982), *Pombalismo e Teoria Política*, Sep. «Cultura, História e Filosofia», Lisboa, vol.1.
- DIAS, José Sebastião da Silva (1983-1984), *Pombalismo e projecto político*, Sep. «Cultura, História e Filosofia», Lisboa, vols. 2, 3.
- DIAS, Luís Augusto da Costa (2003), “«Missão Histórica» e o «Papel dos Intelectuais» na Filosofia da Cultura de Bento de Jesus Caraça. Do momento da consciência à consciência do momento”, *Revista de História das Ideias*, vol. 24 – *Os Intelectuais e os Poderes*; pp.415-431.
- DIOGO, M. P.; CARNEIRO, A.: SIMÕES (2000), *Sources for the History of Science in Portugal: one possible question*, “Cronos. Cuadernos Valencianos de Historia de la Medicina y de la Ciencia”, vol. 3, n.º 1, pp. 115-142.
- DOMINGOS-CASTRO, F. E., TRIGO, R., VAQUERO, J.M. (2012), «The first meteorological measurements in the Iberian Peninsula: evaluating the storm of November 1724», *Climate Change*, November; Ed. Springer on line.
- FITAS, AUGUSTO, / RODRIGUES, Marcial / NUNES, Mª Fátima (2000), “A filosofia da ciência no Portugal do século XIX”, *História do Pensamento Filosófico Português* (direcção Pedro Calafate), vol. V, tomo II, Lisboa, Ed. Caminho; pp. 421-582.
- GOMES, Joaquim Ferreira (1995), “Luís António Verney e as reformas pombalinas do ensino”, *Verney e o Iluminismo em Portugal. Actas do Colóquio «Verney e a Cultura do seu tempo» realizado na Universidade do Minho em 2 e 3 de Abril de 1992*; Braga, Ed. Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho; pp. 7-27.
- GOODMAN, Dena (1992), “Public sphere and private life: toward a synthesis of current historiographical approaches to the old regime”, *History and Theory. Studies in the Philosophy of History*, vol. 31, n.º1, pp. 1-20.
- GUSDORF, Georges (1972), *Dieu, La Nature, l'Homme au Siècle des Lumières*, Paris, Ed. Payot.
- HAZARD, Paul (1974), *O Pensamento europeu no século XVIII*, Lisboa, Ed. Presença, 2 vols.
- JOÃO, Maria Isabel (2003), *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Lisboa, FCG/ FCT.
- LALIEU, Olivier (2001), «L'invention du devoir de memoire», *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n.º 69, janv.-mars; pp. 61-82;
- LÉONARD, YVES (1999), «Le Portugal et ses sentinelles de pierre. L'Exposition du Monde Portugais en 1940», *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n.º 62, avril-juin, pp. 27-37.
- LEYMARIE, Michel Leymarie/ SIRINELLI, Jean-François (2003), *L'Histoire des intellectuels aujourd'hui*, Paris, Puf.
- MACEDO, Jorge Borges de (s/d), *Estrangeirados: um conceito a rever*, Lisboa, s/ed.
- MARAVALL, José Antonio (1991), *Estudios sobre la historia del pensamiento español (Siglo XVIII)*, Madrid, Ed. Mondadori.
- MARTINS, António Coimbra (1975, 2ª ed.), “Estrangeirados”, *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, s/l, Iniciativas Editoriais; pp. 466-473.
- MARTINS, António Coimbra (1978, 2ª ed.), “Verney, Luís António”, *Dicionário de História de Portugal*, vol. VI, s/l, Iniciativas Editoriais; pp. 271-279.
- MONCADA, Luís Cabral (1940), “Um «Iluminista» português do século XVIII: Luiz António Verney”, *Congresso do Mundo Português VIII Congresso - História da Actividade Científica Portuguesa*, Lisboa, Ed. Comissão Executiva dos Centenários; vol. XIII, pp. 459-470.
- MONCADA, Luís Cabral (1941), *Um «Iluminista» Português do século XVIII: Luiz António Verney, com um apêndice de novas cartas e documentos inéditos*, Coimbra, Ed. Arménio Editor, colecção Studium – temas filosóficos e jurídicos.

MONCADA, Luís Cabral (1950), *Estudos de História do Direito*, vol. III, século XVIII – Iluminismo Católico: Verney: Muratori, Coimbra, Ed. Universidade de Coimbra.

MONCADA, Luís Cabral (1992), *Memórias ao longo de uma vida. Pessoas, factos, ideias*, Lisboa, Ed. Verbo.

MONCADA, Luís Cabral de (1949), *Italia e Portogallo nel settecento*, conferença tenuta a Roma in occasione dell'esposizione del libro portoghese – Maggio 1949, Lisboa, Ed. Instituto para a Alta Cultura.

MOTA, Isabel Ferreira da (2003), *A Academia Real da História. Os Intelectuais, o poder cultural e o poder monárquico no século XVIII*, Coimbra, Ed. Minerva.

NUNES, M.ª Fátima (1998), *História da Ciência em Portugal – a institucionalização editorial da memória científica. Notas de uma investigação*, “Seminário sobre o Positivismo”, Évora, Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, pp. 311-335.

NUNES, M.ª Fátima (1999), “Leituras de História da Ciência no «Jornal de Ciências Mathematicas, Físicas e Naturais» (1917-1923). Subsídios para a arqueologia da cultura científica em Portugal”, *Revista de História das Ideias*, vol. 20 – *O livro e a Leitura*; pp.353-368.

NUNES, M.ª Fátima (2001a), *Imprensa Periódica Científica (1772-1852). Leituras de «ciencia agricola» em Portugal*, Lisboa, Estar-Editora.

NUNES, M.ª Fátima (2001b), Lição de síntese na Agregação Universidade de Évora, Setembro 2002, sob o título *História da História da Ciência em Portugal: 1872-1953. Da construção cultural de uma memória à identidade da comunidade científica em Portugal.*, Évora, Universidade de Évora.

NUNES, M.ª Fátima (2002a), “O VIII Congresso do Mundo Português – «História da Actividade Científica Portuguesa». Para uma arqueologia do discurso da comunidade científica portuguesa na primeira metade do século XX”, *Ciência em Portugal na primeira metade do século XX. Actas do 6º Encontro de Évora sobre História e Filosofia da Ciência*, Évora, Ed. Universidade de Évora; pp 307-348;

NUNES, M.ª Fátima (2002b), *O «público entendimento da ciência» nos congressos da Associação para o Progresso das Ciências: Portugal e Espanha. Estratégias e realidades institucionais*, Porto, Ed. CEPESE., Sep. *Revista População e Sociedade*, 8.

NUNES, M.ª Fátima (2002c), *Opinião Pública, Ciência e Tecnologia. Portugal XVIII-XX*, “Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias”, Lisboa, Centro de História da Cultura, nº 15, pp. 211-223.

NUNES, Maria de Fátima (2003), «As Observações meteorológicas na Academia das Ciências: uma leitura científica de Lamego (1770-84)», *Alcipe e as Luzes*, Ed. Casa Fronteira/Colibri, 2003; pp. 241-250.

NUNES, M.ª Fátima (2004), “The History of Science in Portugal (1930-1940). The sphere of action of a scientific community”, *@Journal of Portuguese History*, vol. 2.2 -www.brown.edu/Departmentsts/Portuguese_Brazilian_Studies /Winter 2004

ON TIME: HISTORY, SCIENCE AND COMMEMORATION – *The British Journal for the History of Science* (2000), A special issue, Guest Editor: William Ashworth, Jon Agar and Jeff Hughes.

PHILOSOPHICAL IMAGINATION AND CULTURAL MEMORY (1993), Ed. Patricia Cook, London / Durham, Duke University Press.

POMIAN, Krzysztof (1998), “De l’histoire, partie de la mémoire, à la mémoire, objet d’histoire”, *Revue de Métaphysique et de Morale*, janv.-mars, n.º 1, pp. 63-110.

RIBEIRO, Lia Sá Paulo (2003), “O Papel dos Intelectuais na Popularização Cultural Republicana”, *Revista de História das Ideias*, vol. 24 – *Os Intelectuais e os Poderes*; pp. 255-309.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares Ribeiro (2002), “A Europa dos Intelectuais nos alvares do século XX”, *Estudos do Século XX*, n.º 2 – Coimbra, Ed. Quarteto/Ceis20; pp. 109-133;

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1985), *Os Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*, Lisboa, Ed. Presença.

SERRANO, Carlos (2000), “El «nacimiento de los intelectuales»: Algunos replanteamientos”, *Ayer – 20, El Nacimiento de los Intelectuales en España*; pp. 12-23.

SIMÕES, Ana; CARNEIRO, Ana; DIOGO, M.ª Paula (1999), *Constructing knowledge: eighteenth-century Portugal and the new sciences*, in GAVROGU, K. (edt.), “The Sciences in the European Periphery during the Enlightenment”, pp. 1-40, Kluwer Academic Publishers.

SIRINELLI, Jean-François (1986), “Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l’histoire des intellectuels», *Vingtième siècle. Revue d’histoire*, janviers-mars; pp. 97-107.

TORGAL, Luís Reis /MENDES, J. Amado/ CATROGA, Fernando (1996), *História da História em Portugal, sécs. XIX-XX*, Lisboa, Circulo de Leitores.

VAZ, Francisco António Lourenço (2002), *Instrução e Economia. As Ideias Económicas no discurso da Ilustração Portuguesa (1746-1820)*, Lisboa, Ed. Colibri.

VERNEY E O ILUMINISMO EM PORTUGAL (1995), Actas do Colóquio «Verney e a Cultura do seu tempo» realizado na Universidade do Minho em 2 e 3 de Abril de 1992 Braga, Ed. Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho.

VERNEY, Luis António (1949-1953), *Verdadeiro Método de Estudar*, ed. org. António Salgado Júnior, Lisboa, Ed. Sá da Costa.

WINOCK, Michel (1997), *Le siècle des intellectuels*, Paris, Seuil.